

Onde estão as mulheres? (In)visibilidade na imprensa regional portuguesa no final do Estado Novo (1970–1973): o caso do jornal *Notícias de Gouveia*

Liliana Carona & Joana Martins

LabCom, Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal /

Escola Superior de Educação de Viseu, Ci&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

lcarona@esev.ipv.pt / jmartins@esev.ipv.pt

Resumo

A partir de uma abordagem metodológica mista, que articula análise de conteúdo com análise crítica do discurso, este estudo examina a presença e representação de mulheres no jornal regional centenário *Notícias de Gouveia*, no período compreendido entre 1970 e 1973, imediatamente anterior à Revolução de 25 de Abril de 1974, à época de periodicidade semanal. Foram analisadas todas as edições publicadas ao longo destes quatro anos, incidindo exclusivamente sobre notícias que destacam explicitamente mulheres enquanto protagonistas individuais. Num total de 186 edições analisadas, foram identificadas 18 notícias protagonizadas por 17 mulheres distintas, totalizando 910 linhas de texto, com tom predominantemente

positivo (78%). Do ponto de vista editorial, 44% das notícias têm presença na primeira página e 56% são acompanhadas de imagem. A análise evidencia que a presença feminina no espaço noticioso assume uma dimensão excecional e condicionada, revelando mecanismos recorrentes de desvalorização simbólica: apagamento do género na linguagem titular, mediação masculina do reconhecimento institucional, incorporação da trajetória profissional na narrativa familiar e uma retórica da exceção que celebra ao mesmo tempo que normaliza. Mais do que uma ausência quantitativa, observa-se uma invisibilidade qualitativa que marginaliza as mulheres na esfera pública mediada pela imprensa regional.

Palavras-chave: Imprensa Regional; Mulheres; invisibilidade; Género; desequilíbrios.

Where Are the Women? (In)visibility in the Portuguese Regional Press at the End of the Estado Novo (1970–1973): The Case of the Newspaper *Notícias de Gouveia*

Abstract

Using a mixed-methods approach that combines content analysis with critical discourse analysis, this study examines the presence and representation of women in the century-old regional newspaper *Notícias de Gouveia* during the period from 1970 to 1973—immediately preceding the April 25, 1974 Revolution—when the paper was published weekly. All issues published over these four years were analyzed, focusing exclusively on news stories who explicitly highlight women as individual protagonists. Out of a total of 186 editions analyzed, 18 news stories featuring 17 different women were identified, totaling 910 lines of text, with a predominantly positive tone (78%). From an editorial perspective, 44% of the stories appear

red on the front page and 56% were accompanied by an image. The analysis shows that the presence of women in the news space takes on an exceptional and conditioned dimension, revealing recurring mechanisms of symbolic devaluation: the erasure of gender in headline language, male mediation of institutional recognition, the incorporation of professional trajectories within family narratives, and a rhetoric of exception that simultaneously celebrates and normalizes. More than a quantitative absence, a qualitative invisibility is observed that marginalizes women in the public sphere as mediated by the regional press.

Keywords: Regional Press; Women; invisibility; Gender; imbalances.

Data de submissão: 2025-06-30. Data de aprovação: 2026-03-26.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.

A imprensa regional portuguesa no final do Estado Novo: enquadramento estrutural e o caso do *Notícias de Gouveia*

Durante grande parte do século XX, o jornalismo praticado nos periódicos locais e regionais portugueses caracterizava-se por um reduzido grau de profissionalização (Correia, 2005). Os seus colaboradores provinham frequentemente de outras esferas socioprofissionais, como a função pública, o ensino ou o clero, possuindo competências de escrita, mas não formação específica em jornalismo. Não seria, portanto, de estranhar que a maioria dos profissionais das redações fosse composta por homens, ainda que se saiba que algumas mulheres recorreram ao uso de pseudónimos para assinar os seus artigos, como forma de contornar as limitações impostas pelo contexto sociocultural da época (Sousa, 2008; Ventura, 2012). Este perfil reforçava a reprodução de estruturas sociais tradicionais, marcadamente masculinas, uma vez que o acesso das mulheres a essas profissões e ao espaço público era ainda limitado (Vaquinhas, 2005). Neste contexto, a atividade jornalística assumia predominantemente uma função de mediação social e de registo, centrada na noticiabilidade de eventos quotidianos, na divulgação de informações comunitárias e na reprodução de discursos institucionais, em detrimento de práticas investigativas. Tal configuração traduz-se numa limitada autonomização do campo jornalístico e numa fraca estabilização de géneros jornalísticos, devendo ser interpretada à luz da produção social da realidade enquanto construção simbólica e intersubjetiva (Berger & Luckmann, 2003). Paralelamente, esta estrutura pouco profissionalizada e fortemente ancorada em redes sociais locais tendia a reproduzir hierarquias sociais existentes, incluindo desigualdades de género, condicionando a visibilidade e a participação das mulheres no espaço mediático.

É neste quadro estrutural que a relação entre jornalismo e poder político se torna particularmente visível, sobretudo na fase final do Estado Novo. O sistema mediático encontrava-se fortemente condicionado por dispositivos institucionais de censura e por mecanismos difusos de autocontrolo editorial, configurando um espaço de produção discursiva limitado. A imprensa regional assumia, assim, uma posição ambivalente, sendo simultaneamente central na circulação de informação local e constringida na sua capacidade de produzir discursos críticos e pluralistas (Costa, 2005; Ferreira, 2005). A delimitação temporal entre 1970 e 1973 revela-se, neste sentido, analiticamente estratégica, por corresponder a um momento de crescente tensão interna do regime e de incipiente reconfiguração do campo mediático, ainda sob forte vigilância (Mesquita, 1994; Sousa, 2001).

A análise destas dinâmicas exige a sua integração no quadro mais amplo do sistema mediático português até meados da década de 1980, caracterizado por uma forte presença estatal na televisão, pela partilha do setor radiofónico entre o Estado e a Igreja Católica, e pela coexistência entre setor público e privado na imprensa escrita (Mesquita, 1994; Sousa, 2001). Esta configuração estrutural condicionava os modos de produção jornalística e limitava a autonomia editorial, contribuindo para a especificidade da imprensa regional.

Neste contexto, a imprensa regional, marcada por recursos escassos e por uma organização frequentemente “semi-amadora”, encontrava-se sujeita ao mesmo enquadramento legislativo restritivo da imprensa nacional, nomeadamente à censura prévia instituída pelo Decreto-Lei n.º 22.469, de 1933 (Costa, 2005). A produção noticiosa era, assim, profundamente condicionada, restringindo a emergência de discursos divergentes e a consolidação de um espaço público plural. Como sublinha Tengarrinha (2007), a imprensa durante a ditadura não funcionava como um campo autónomo de formação da opinião pública, mas como um sistema estruturado por práticas de censura, vigilância e autocensura.

Todavia, estes constrangimentos não anulavam completamente a agência dos atores mediáticos. Nos últimos anos do regime, alguns periódicos regionais evidenciam formas subtis de ambivalência dis-

cursiva, nas quais se insinuam sinais de distanciamento ou crítica, ainda que de forma prudente (Moreira, 2005). Estas práticas revelam a existência de margens de negociação simbólica no interior do sistema censório. Ainda assim, a necessidade de assegurar a sobrevivência económica e institucional implicava frequentemente a adoção de posturas de neutralidade ou alinhamento com o regime (Ferreira, 2005), limitando a capacidade de intervenção política da imprensa regional. Neste quadro, importa também considerar que tais limitações estruturais contribuíam para a reprodução de papéis sociais tradicionais, restringindo a presença e a representação das mulheres no discurso jornalístico.

Com a Revolução de Abril, este enquadramento sofre uma rutura jurídica significativa, nomeadamente através da abolição da censura e da consagração da liberdade de imprensa, com destaque para a Lei de Imprensa de 1975 (Lima, 2022). No entanto, esta transformação não se traduziu imediatamente numa reconfiguração estrutural do setor, persistindo fragilidades associadas à reduzida profissionalização, à dependência de interesses locais e à influência de instituições como a Igreja Católica (Ferreira, 2005).

É neste enquadramento histórico e estrutural que se inscreve o jornal *Notícias de Gouveia*. Fundado a 12 de fevereiro de 1914, com o epíteto de “Defensor dos interesses da região”, o periódico afirmou-se, nos seus primeiros anos, como Semanário Evolucionista, refletindo as orientações político-ideológicas dos seus fundadores. Esta designação remete para o universo do evolucionismo republicano, corrente política fundada em 1912 por António José de Almeida, que defendia uma via moderada, gradualista e conciliadora no quadro da Primeira República, em oposição à hegemonia do Partido Democrático. A valorização da concórdia nacional e a defesa de medidas como a amnistia para setores monárquicos inscrevem-se nessa matriz ideológica, que procurava alargar a base de apoio do regime e mitigar clivagens políticas, ainda que num contexto de forte instabilidade. A dissolução do Partido Republicano Evolucionista, em 1919 (Catroga, 2012), deve ser compreendida no âmbito de uma reconfiguração mais ampla do sistema partidário republicano, marcada por recomposições e alianças instáveis.

Até ao número 17, a redação e a administração situavam-se na Rua do Ouveiro, em Gouveia, sendo proprietário João Pinto de Sousa e diretor Afonso Xavier de Oliveira Fonseca. A partir da publicação n.º 13, de 7 de maio de 1914, José de Almeida Motta assume a direção e a propriedade, sendo reconhecido como o principal fundador e figura estruturante do jornal. Em 1916, sob a sua direção, o periódico abandona a designação de Semanário Evolucionista, passando a afirmar-se como “Defensor dos Interesses da Região”, consolidando a sua identidade enquanto órgão de representação local.

Ao longo do século XX, o *Notícias de Gouveia* afirmou-se como uma referência incontornável no panorama regional, acompanhando de forma consistente as transformações do sistema mediático português. Em outubro de 1995, a titularidade do periódico transita para a Associação de Beneficência Popular de Gouveia e, em julho de 2007, na sequência de alterações legislativas no setor, a sua periodicidade é redefinida, passando de semanal a trimensal, com publicação nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. O reconhecimento institucional do jornal materializa-se, entre outros aspetos, na atribuição de prémios de relevo, como o Prémio Gazeta, em 2018. Já em 2015, regista-se uma mudança significativa na sua estrutura organizacional com a nomeação, pela primeira vez, de uma mulher para a direção, assinalando uma inflexão relevante na história do periódico.

No que respeita ao período imediatamente anterior à Revolução de Abril, assume particular relevância o falecimento de José de Almeida Motta, ocorrido em maio de 1970. Figura central na consolidação do *Notícias de Gouveia*, desempenhava até então funções de diretor, partilhando a gestão com Carlos Gomes de Almeida Motta, que acumulava os cargos de proprietário, subdiretor e editor. A redação e administração encontravam-se sediadas no Largo do Pelourinho, sendo os trabalhos de impressão e composição assegurados pela Motta & Irmão, Suc. Após a morte do pai, Carlos Gomes de Almeida Motta assume igualmente a direção do jornal, garantindo a continuidade editorial num contexto marcado por sinais de transição política iminente.

Neste quadro, a análise das edições do *Notícias de Gouveia* entre 1970 e 1973 deve ser entendida à luz do contexto político do final do Estado Novo, período em que a chefia do Estado cabia a Américo Tomás e o governo era liderado por Marcello Caetano, sucessor de António de Oliveira Salazar. Correspondendo à fase designada como “primavera marcelista”, este momento foi marcado por expectativas de abertura que, na prática, se revelaram limitadas e progressivamente frustradas (Rosas, 1998; Pinto, 2003). A imprensa portuguesa permaneceu sujeita a mecanismos de censura prévia e a práticas de autocensura, condicionando significativamente a expressão de dissenso e a cobertura política (Cádima, 1996; Mesquita, 1994). Mesmo no caso da imprensa regional, tradicionalmente mais centrada em matérias locais, estes constrangimentos estruturais eram evidentes, contribuindo para a prevalência de um discurso moderado e frequentemente alinhado com a retórica oficial (Sousa, 2008).

No corpus analisado, observa-se uma predominância de conteúdos de natureza local, institucional e associativa, bem como a ausência de crítica explícita ao regime. Ainda assim, é possível identificar, de forma subtil, indícios de tensão associados ao contexto da guerra colonial e ao progressivo desgaste do sistema político (Rosas, 2012). Neste sentido, a continuidade editorial assegurada por Carlos Gomes de Almeida Motta ocorre num período em que o jornal se afirma simultaneamente como espaço de coesão comunitária e como reflexo das limitações estruturais impostas ao campo mediático português na fase final da ditadura, incluindo no que respeita à limitada visibilidade das mulheres no espaço público mediado.

Relativamente ao preço anual da assinatura do *Notícias de Gouveia*, verificava-se uma diferenciação em função da localização geográfica dos leitores e do meio de expedição utilizado. Para o continente e ilhas adjacentes, o valor fixava-se em 50\$00, enquanto para o Ultramar Português, Espanha e Brasil ascendia a 70\$00, atingindo os 100\$00 no caso de outros países. Quando o envio era efetuado por via aérea, os custos aumentavam significativamente: 140\$00 para o Ultramar Português, 100\$00 para o Brasil e 230\$00 para outros destinos. Estes valores evidenciam não apenas uma preocupação com a circulação internacional do periódico, mas também o impacto dos encargos logísticos associados à distribuição da imprensa fora do território continental.

A obra *História de um Centenário – Notícias de Gouveia*, da autoria de António Garcias do Coito (2018), constitui o principal registo escrito sobre a trajetória do jornal, integrando igualmente elementos de natureza biográfica relativos ao seu fundador. José de Almeida Motta nasceu em Gouveia, a 4 de abril de 1884, tendo falecido na mesma localidade em maio de 1970, aos 86 anos. Foi casado com Emília Gomes de Almeida Motta, professora do ensino primário, com quem teve três filhos: Palmira, que seguiu a carreira docente; Carlos, que viria a suceder-lhe na direção do jornal; e Francisco, falecido precocemente. O *Notícias de Gouveia* constituiu o eixo central da sua vida, a par do núcleo familiar, tendo-lhe dedicado um compromisso contínuo e integral.

Desde cedo, José de Almeida Motta evidenciou uma participação ativa no tecido cultural e associativo local. Integrou a Tuna Gouveense, participou nas atividades teatrais do Grupo Arte de Palma — inicialmente como ator e, posteriormente, como encenador —, foi membro da filarmónica Sociedade Euterpe e manteve uma ligação aos Bombeiros Voluntários. Numa fase posterior da sua vida, assumiu funções de particular relevo na comunidade, destacando-se como diretor do Hospital (Associação de Beneficência Popular de Gouveia) e como provedor da Santa Casa da Misericórdia de Gouveia. Neste contexto, é amplamente reconhecido como uma figura de referência no jornalismo local e como um dos cidadãos mais proeminentes de Gouveia.

A sua ligação ao jornalismo formaliza-se a 12 de fevereiro de 1914, com a fundação do *Notícias de Gouveia*, no qual assumiu a coordenação da equipa redatorial. À época, o panorama jornalístico local caracterizava-se pela coexistência de outros periódicos, nomeadamente *O Herminio*, de perfil independente, e *A Solidariedade*, de orientação republicana. O *Notícias de Gouveia* surge neste contexto associado ao Partido Evolucionista, refletindo as tensões e clivagens ideológicas no interior do campo

republicano. Todavia, esse enquadramento político viria a gerar descontentamento em José de Almeida Motta, que manifestava reservas quanto à linha editorial adotada, por a considerar desalinhada com a orientação que entendia mais adequada (Garcias do Coito, 2018, pp. 19–20).

(In)visibilidade feminina e dinâmicas de representação na imprensa regional

A invisibilidade das mulheres na esfera mediática não constitui uma ausência neutra, mas antes um efeito estrutural das dinâmicas de produção e legitimação do discurso jornalístico, que tende a privilegiar determinados atores sociais em detrimento de outros, incluindo no contexto da imprensa regional. Esta problemática remete para a questão formulada por Cynthia Enloe (1989): “Where are the women?”. Ao problematizar a ausência feminina na esfera política, a autora caracteriza os governos como autênticos “men’s clubs”, onde a presença das mulheres era tão residual que se tornava, por si só, notícia. Neste sentido, Enloe sublinha que a invisibilização das mulheres contribui para ocultar os mecanismos de construção da feminilidade e da masculinidade no espaço político, um processo que encontra igualmente expressão no campo mediático, incluindo nos contextos locais e da imprensa regional.

No campo mediático, esta invisibilidade está intrinsecamente ligada à própria estrutura de produção jornalística. Sofia Marques da Silva (2010) defende que os media, e em particular os textos jornalísticos, têm sido historicamente construídos e apropriados maioritariamente por homens, que simultaneamente produzem e reproduzem ideologias. Esta lógica não se circunscreve aos media nacionais, estendendo-se também à imprensa regional, onde as dinâmicas de proximidade não anulam os mecanismos de exclusão simbólica. Neste contexto, o retrato das mulheres permanece fortemente marcado por estereótipos, exigindo ainda transformações profundas. De forma convergente, Cerqueira (2008) sustenta que o discurso jornalístico reproduz atitudes e ideologias que legitimam relações de dominação, evidentes tanto nos atores sociais que são visibilizados como naqueles que permanecem na penumbra.

Estas desigualdades refletem-se igualmente na estrutura das organizações mediáticas. O *Global Report on the Status of Women in the News Media* (International Women’s Media Foundation, 2011) indica que, em 2011, apenas 33,3% dos jornalistas eram mulheres, sendo que 73% dos cargos de chefia eram ocupados por homens. Ainda que na Europa se observe uma maior aproximação à paridade numérica, a sub-representação feminina mantém-se particularmente acentuada nos níveis de decisão, onde as mulheres representam cerca de um quarto dos cargos de topo. Acresce que os homens predominam no trabalho a tempo inteiro, enquanto as mulheres se encontram mais frequentemente em regimes precários ou a tempo parcial, realidade que também se manifesta nas estruturas mais reduzidas e menos profissionalizadas da imprensa regional.

Dados mais recentes relativos a Portugal (Miranda, 2017; Obercom, 2017) confirmam a tendência de feminização da profissão jornalística, com cerca de 48% de mulheres, mas evidenciam simultaneamente a persistência de desigualdades no acesso a cargos de chefia. Historicamente, as redações foram marcadas por uma cultura profissional masculina, assente em valores considerados normativos (Van Zoonen, 1991). Apesar do aumento da presença feminina, subsistem fenómenos como o “teto de vidro” (Barreto et al., 2009; Loden, 1985) e a precarização laboral, frequentemente associada ao recrutamento de mão-de-obra qualificada mais vulnerável, onde se incluem as mulheres (Subtil, 2000).

Embora se tenha verificado, a partir da década de 1970, uma reconfiguração progressiva das redações (Subtil & Silveirinha, 2017), impulsionada também pelo aumento de mulheres licenciadas na área da comunicação (Miranda, 2017), esta transformação não implicou uma alteração substantiva das dinâmicas de poder nem das práticas editoriais. Pelo contrário, a persistência de desigualdades estruturais continua a influenciar tanto as condições de trabalho como os conteúdos produzidos, incluindo nos contextos de produção jornalística local (Carona, 2023).

Importa, por isso, sublinhar que as assimetrias de género não se limitam à composição das redações, refletindo-se igualmente na representação mediática. A menor visibilidade das mulheres nas notícias está diretamente relacionada com o facto de as decisões editoriais continuarem, em grande medida, a ser tomadas por homens. Como refere Ross (2010), apesar da crescente presença feminina na profissão, o conteúdo mediático continua a centrar-se predominantemente em figuras masculinas, tornando recorrente a questão “Onde estão as mulheres?”. Esta interrogação assume particular pertinência na imprensa regional, onde os critérios de noticiabilidade são moldados por lógicas de proximidade e relevância comunitária.

A invisibilidade feminina manifesta-se também ao nível discursivo ao longo dos tempos. Arús et al. (2000) identificam práticas como a omissão do nome ou o uso do masculino genérico, que contribuem para a diluição da presença das mulheres no discurso jornalístico. Esta realidade encontra-se ancorada em processos históricos de socialização que associaram os homens ao espaço público e as mulheres ao espaço privado, uma divisão que se reproduz, ainda que com especificidades, nos contextos locais.

Para além da omissão, a representação das mulheres nos media tende a ser enquadrada em formatos específicos, frequentemente associados a *soft news* ou *fait divers* (Cerqueira et al., 2014). Diversos estudos demonstram que as mulheres são frequentemente retratadas como vítimas ou dependentes, ou enquadradas em papéis tradicionais, como mães e esposas (Kang, 2010; Lobo & Cabecinhas, 2018). Surgem também como exceções que rompem barreiras, sendo mais associadas à esfera privada, enquanto os homens são representados como norma e atores naturais da esfera pública (Santos et al., 2015; Lobo & Cabecinhas, 2018). Acrescem ainda representações centradas na dimensão estética, emocional ou em situações insólitas (Cerqueira, 2008), padrões que tendem igualmente a manifestar-se na imprensa de âmbito local.

Estas dinâmicas têm sido amplamente problematizadas pelos estudos feministas dos media, que identificam os meios de comunicação como veículos privilegiados de reprodução de estereótipos e valores patriarcais (Gallagher, 2003; Van Zoonen, 1991; Ross, 2010). Diversos autores evidenciam a persistência de desigualdades de género no tratamento informativo, nomeadamente através da sub-representação, omissão, trivialização e reforço de estereótipos (Cerqueira et al., 2014; Gallego, 2009; Santos et al., 2015; Subtil, 2000; Tuchman, 2009).

Neste contexto, destaca-se o conceito de “aniquilação simbólica”, desenvolvido por Tuchman (2012), que descreve a sub-representação ou representação distorcida das mulheres nos media como um mecanismo de reforço das hierarquias de género. Apesar das transformações ocorridas ao longo das últimas décadas, esta forma de invisibilização persiste (Tuchman, 2009), podendo assumir novas configurações, nomeadamente através de estratégias de segmentação de públicos, incluindo em contextos mediáticos de menor escala.

No caso português, os dados do *Global Media Monitoring Project* (Macharia, 2021) evidenciam uma sub-representação significativa das mulheres nas notícias, com apenas cerca de 5% das peças centradas em figuras femininas. As áreas de maior invisibilidade incluem política, governo e esferas sociais e legais. Estudos complementares (Lobo & Cabecinhas, 2018) demonstram que os homens continuam a dominar as narrativas informativas, sendo frequentemente os mesmos protagonistas, enquanto muitas mulheres surgem sem identificação profissional clara.

É neste enquadramento que se insere a presente investigação, que procura identificar e analisar a presença de protagonistas femininas no *Notícias de Gouveia* entre 1970 e 1973. O objetivo consiste em compreender as formas de representação mediática das mulheres no contexto da imprensa regional e evidenciar os mecanismos de invisibilização, ou “aniquilação simbólica”, de que foram alvo. Importa ainda considerar que estas dinâmicas não se limitam ao plano textual, estendendo-se à dimensão imagética, igualmente marcada por práticas de matriz patriarcal, num contexto em que a produção mediática se encontrava predominantemente sob domínio masculino (Mota-Ribeiro & Pinto Coelho, 2005).

À luz deste cenário, a análise de todas as edições dos anos de 1970, 1971, 1972 e 1973 do *Notícias de Gouveia* permite constituir um corpus relevante para compreender que mulheres eram objeto de cobertura noticiosa e em que circunstâncias tal ocorria. Importa, contudo, sublinhar que, neste periódico, o género notícia não assumia um lugar dominante, sendo a maioria das páginas ocupada por publicidade, informações de carácter utilitário, necrologia e crónicas/ artigos de opinião. Por essa razão, torna-se particularmente relevante problematizar os critérios de noticiabilidade que justificavam a presença feminina no espaço informativo, nomeadamente em situações de maior destaque, como a primeira página. Mais do que identificar presenças, importa compreender os mecanismos que determinavam a visibilidade, ou excepcionalidade, das mulheres no discurso jornalístico, o que conduz à definição das opções metodológicas que orientam a presente investigação.

Por fim, importa referir que as desigualdades de género persistem também nas condições profissionais do jornalismo. Jerónimo et al. (2022) demonstram que as mulheres enfrentam níveis mais elevados de desemprego do que os homens, independentemente da idade, experiência ou formação académica. As jornalistas tendem a permanecer mais tempo em situação de desemprego e revelam expectativas profissionais mais desfavoráveis em diversos indicadores, o que evidencia a persistência de desigualdades estruturais no campo mediático.

Este quadro encontra eco em análises anteriores sobre a profissão jornalística em Portugal. Graça (2007), ao estudar a estrutura socioprofissional dos jornalistas portugueses, identifica um conjunto de fragilidades que atravessam o setor, nomeadamente a existência de discrepâncias significativas entre profissionais da mesma categoria, níveis salariais globalmente reduzidos e a presença de percursos marcados pela não qualificação superior. A autora destaca ainda a relevância de fenómenos como a acumulação de atividades profissionais, bem como tendências de juvenilização e feminização da profissão, frequentemente associadas a situações de subemprego, semiprofissionalização e precariedade laboral. Neste sentido, a crescente presença feminina no jornalismo não se traduz automaticamente em condições de maior equidade, podendo, pelo contrário, inscrever-se em dinâmicas mais amplas de fragilização do trabalho jornalístico.

Enquadramento do estudo

O presente estudo tem como objetivo analisar a presença de mulheres enquanto protagonistas no discurso noticioso de um jornal regional centenário, no período compreendido entre 1970 e 1973, imediatamente anterior à Revolução de 25 de Abril de 1974. Para o efeito, foram revisitadas todas as edições do *Notícias de Gouveia* publicadas ao longo destes quatro anos, constituindo um corpus contínuo que permite observar, de forma sistemática, os modos de visibilidade feminina na imprensa local. A análise incide sobre as peças jornalísticas (notícias) organizadas segundo um critério cronológico, sendo interpretadas à luz do contexto sociopolítico da época e enquadradas por uma perspetiva retrospectiva, cinquenta anos após a revolução. Refira-se ainda que este periódico integra o conjunto dos cerca de quarenta jornais regionais centenários existentes em Portugal (Carona, 2023), o que reforça a sua relevância enquanto fonte histórica e mediática.

A delimitação temporal adotada justifica-se pela necessidade de analisar, em continuidade, as formas de representação feminina num período tardio do regime ditatorial, marcado por constrangimentos significativos à participação das mulheres na esfera pública, política e profissional. Neste contexto, a imprensa regional, caracterizada por uma forte presença de conteúdos de natureza informativa, institucional e comunitária, constitui um espaço privilegiado para compreender como essas limitações se refletiam nos discursos mediáticos e nas lógicas de noticiabilidade.

A observação sistemática das edições permite, assim, enquadrar a análise das notícias no interior de um universo editorial específico, onde coexistem diferentes géneros e funções informativas, e onde a visibilidade feminina deve ser compreendida à luz das prioridades editoriais e das dinâmicas sociais próprias do contexto local. Neste enquadramento, a escolha do *Notícias de Gouveia* e do período em análise revela-se particularmente pertinente, permitindo articular a dimensão mediática com transformações sociais e políticas em curso no final do regime.

Percurso Metodológico

Importa, desde logo, explicitar que a presente investigação adota uma abordagem metodológica mista, combinando uma dimensão quantitativa, através da análise de conteúdo (Tabela 1), com uma dimensão qualitativa, sustentada na análise crítica do discurso. Esta opção decorre do objetivo de analisar as representações mediáticas das mulheres, não apenas ao nível da sua presença, mas também no que respeita às formas de construção discursiva.

A análise de conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (2011), constitui uma metodologia adequada ao estudo de documentos e textos, permitindo identificar padrões, categorias e significados, explícitos e implícitos. No campo do jornalismo, esta abordagem possibilita examinar os modos como os media constroem narrativas, representam sujeitos sociais e atribuem relevância a determinados temas ou protagonistas. Como refere Krippendorff (2018), esta metodologia não se limita à contabilização de elementos, permitindo compreender como o discurso comunica e quais os seus potenciais efeitos sociais.

Complementarmente, a análise crítica do discurso permite aprofundar a interpretação das estratégias discursivas, incidindo sobre o tom, as escolhas linguísticas, a adjetivação e os processos de construção simbólica. Seguindo autores como Fairclough (1995) e Van Dijk (2008), o discurso jornalístico é entendido como uma prática social que não apenas reflete, mas também constrói a realidade. Neste sentido, a articulação entre análise quantitativa e qualitativa permite identificar simultaneamente padrões de visibilidade e mecanismos de representação, silenciamento ou valorização simbólica.

A opção por uma metodologia mista justifica-se, assim, pela necessidade de conjugar diferentes níveis de análise. Como refere Bryman (1988), esta abordagem permite tirar partido das potencialidades complementares dos métodos quantitativos e qualitativos. No mesmo sentido, Sousa (2006) sublinha a importância de articular a quantificação com a interpretação, de modo a captar dimensões não mensuráveis do discurso.

No que respeita à delimitação do corpus, este incidiu exclusivamente sobre peças do género notícia que apresentassem mulheres em posição de destaque no título ou claramente identificadas o corpo do texto. Esta opção metodológica decorre, por um lado, da raridade deste tipo de ocorrências no universo analisado e, por outro, da necessidade de circunscrever o objeto de estudo a formas de visibilidade feminina que impliquem centralidade discursiva e reconhecimento editorial explícito. Embora o periódico apresente uma presença significativa de conteúdos onde as mulheres surgem de forma recorrente, designadamente em publicidade, ofertas de trabalho, necrologia ou secções dirigidas ao público feminino, tais ocorrências correspondem a formas de representação rotinizadas, frequentemente associadas a papéis sociais tradicionais, não configurando situações de protagonismo mediático.

À luz dos estudos feministas dos media, interessa, assim, problematizar os contextos em que as mulheres emergem como sujeitos noticiosos centrais, isto é, quando são objeto de destaque editorial e não apenas referidas de forma acessória. Neste sentido, privilegiaram-se as notícias que titulam, identificam ou destacam mulheres, entendidas como indicador de relevância jornalística.

O levantamento foi realizado a partir do arquivo digital do *Notícias de Gouveia*, disponível online no portal do jornal, incidindo sobre as edições publicadas entre 1970 e 1973. Foram excluídos conteúdos de natureza não noticiosa, como necrologias, publicidade ou outros formatos informativos, de modo a garantir a coerência analítica e a adequação do corpus aos objetivos da investigação.

Importa ainda enquadrar a predominância do género notícia no contexto da imprensa regional da década de 1970. Esta configuração pode ser compreendida à luz de uma convergência de fatores políticos, institucionais e estruturais (Traquina, 2005). Em contextos autoritários, a imprensa encontrava-se sujeita a mecanismos de censura que condicionavam as práticas jornalísticas, tornando os géneros opinativos ou interpretativos mais suscetíveis de escrutínio. Tal poderá ter contribuído para a prevalência de conteúdos factuais e descritivos, entendidos também como uma forma de adaptação ao contexto mediático (Costa, 2005).

Paralelamente, fatores de natureza organizacional ajudam a explicar esta configuração. Muitos periódicos regionais eram assegurados por equipas reduzidas, o que favorecia a produção de conteúdos breves e centrados em acontecimentos locais. A notícia, enquanto formato conciso, adequava-se a estas limitações e às dinâmicas de proximidade com instituições locais, sugerindo que o discurso jornalístico resulta também de constrangimentos materiais e relacionais (Ferreira, 2005).

Estas dimensões são consideradas como enquadramentos interpretativos que sustentam a análise empírica, não sendo assumidas como conclusões, mas como elementos que contribuem para a compreensão das formas de representação observadas.

Tabela 1 - Categorias de análise de conteúdo

Categoria	Descrição
Título	Título da notícia em análise
Protagonista da notícia	Nome da protagonista da notícia
Data da Edição	Data em que foi publicada a notícia
Número da Página	Número da página em que foi publicada a notícia
Total de Linhas	Número total de linhas da notícia em análise
Imagem (s/n)	Indicação da existência de imagem a acompanhar a notícia
Presença na Capa	Indicação da presença da notícia na capa da edição
Adjetivação	Indicação dos adjetivos presentes na notícia
Marcas de subjetividade	Indicação de palavras e/ou expressões que indiciem subjetividade, além dos adjetivos
Tom	Indicação do tom (positivo, negativo ou neutro) da notícia

Fonte: Elaboração própria

Caracterização do jornal *Notícias de Gouveia* (1970-1973)

Nos início dos anos 70 do século XX, o jornal *Notícias de Gouveia* era composto por um número de páginas que variava entre as 4 e as 8 páginas. Importa, desde logo, considerar o contexto editorial específico do periódico, que condiciona fortemente os regimes de visibilidade observados. O género notícia assume uma presença relativamente residual, sendo a maioria das páginas ocupada por publicidade, necrologia, anúncios, artigos de opinião e conteúdos de carácter utilitário. Estes incluem informações relativas a instituições, associações, escolas primárias, ranchos folclóricos, coletividades locais, bem como avisos diversos, dívidas, festividades, casamentos e batizados. A edição de 5 de dezembro de 1970 constitui um exemplo paradigmático desta configuração, apresentando-se dominada por conteúdos institucionais e anúncios, sem qualquer referência a homens ou mulheres enquanto protagonistas do género jornalístico notícia. Neste enquadramento, a própria emergência de sujeitos e, em particular, de mulheres, como protagonistas de notícias, deve ser entendida como um fenómeno excecional, o que reforça a pertinência da sua problematização.

A estrutura editorial revela ainda a existência de espaços discursivos relativamente estabilizados, nomeadamente secções fixas de opinião como Casa do Concelho de Gouveia, Conversa de Apicultor, À Luz do Poente, Impressões de Viagem, Apontamentos, Janela Aberta e Respigos. Estes espaços, maioritariamente ocupados por vozes masculinas, contribuem para a configuração de um campo discursivo onde a autoridade enunciativa tende a ser socialmente situada e reiterada. No *Notícias de Gouveia* observamos ainda a presença da secção intitulada *Tribuna da Mulher*, assinada pela Marquesa de Valverde, que constitui o único espaço explicitamente dedicado a temáticas femininas identificado no corpus analisado, tendo sido localizada, por exemplo, na edição de 24 de janeiro de 1970, na página 3. A existência desta rubrica revela, por um lado, uma abertura limitada à participação feminina no espaço mediático, mas, por outro, evidencia também a sua circunscrição a um espaço específico e segregado dentro da publicação. A escrita assume um tom aconselhador, quase didático, procurando orientar as leitoras quanto às atitudes consideradas adequadas no contexto social da época. Paralelamente, observa-se uma presença feminina recorrente, mas deslocada do campo noticioso para domínios específicos de representação. Tal é particularmente visível na publicidade dirigida às “senhoras”, incluindo anúncios de cerzideiras, metedeiras de fios, cursos de bordados ou serviços associados a competências tradicionalmente femininas, bem como referências a profissões como dactilógrafas. Esta segmentação discursiva contribui para a inscrição das mulheres em esferas de atividade delimitadas, reforçando a associação entre feminino e trabalho doméstico ou semiqualficado.

Outros conteúdos recorrentes incluem necrologias, homenagens, louvores e falecimentos de combatentes da Guerra do Ultramar, frequentemente acompanhados por fotografias, poemas e mensagens de militares em serviço. Neste contexto, destaca-se a presença de apelos à correspondência com “madrinhas de guerra”, que convocam as mulheres para um papel simbólico de apoio emocional e moral, inscrito numa lógica de género fortemente normativa. A centralidade de acontecimentos políticos e institucionais é igualmente evidente, como demonstra a edição de 1 de agosto de 1970, cuja capa é dedicada à morte de Salazar, evidenciando a hierarquização temática do periódico.

A análise do corpus revela ainda a forte presença de conteúdos relacionados com acidentes de viação, avisos de deslocação e permanência em Gouveia, relatórios de contas de fábricas têxteis, celebrações oficiais como o 10 de Junho - então assinalado como Dia da Raça - excursões e práticas desportivas, com particular destaque para o futebol. Surgem igualmente textos de opinião sobre a juventude, frequentemente enquadrados em discursos de crise de valores e moralidade, com títulos como “juventude rebelde” ou referências à “libertinagem”. Neste conjunto, as mulheres aparecem raramente como sujeitos centrais, sendo mais frequentemente remetidas para posições indiretas ou relacionais.

Quatro anos, 186 edições, 17 mulheres em notícia

Professoras, cantoras, modelos, atletas e até uma figura política. A análise de 186 edições do jornal semanal Notícias de Gouveia, entre os anos de 1970 e 1973, levou-nos a encontrar 17 mulheres identificadas pelo nome e protagonistas de 18 notícias pelos mais diversos motivos. Desde a morte até às distinções, passando pelas conquistas e feitos, nos quatro anos que antecederam o 25 de Abril de 1974 o título local, com sede na então vila de Gouveia, oferece um retrato da realidade regional e concelhia e de algumas das mulheres que integravam essa realidade.

Nestas 186 edições e 270 notícias que foram objeto de análise, há apenas 17 edições com notícias em que as mulheres são protagonistas. Por outro lado, há 253 notícias em que os homens protagonizam o acontecimento, o que nos remete, desde logo, para um desequilíbrio que pode ser cifrado numa predominância de mais de 90% de notícias encabeçadas por homens e menos de 10% protagonizadas por mulheres.

Arminda Alves Caetano da Silva Sanches (professora e escritora), Corina (cantora), Emília Ferreira de Almeida (dirigente de uma instituição), Emília Motta (mulher do antigo diretor do jornal), Ester da Cunha Barata (diretora de uma escola), Lily Joen (empresária do setor industrial), Luísa Maria Prata (modelo), Lydia Ahlhoff (trabalhadora industrial), Maria Celmira Bauleth (modelo), Maria da Conceição Candeias (atleta), Maria de Lurdes Correia Pinheiro (professora), Maria de Lurdes Fernandes Almeida (política), Maria de Lurdes Mendes Abrantes Manta (professora), Maria do Céu (cantora), Miquelina Limpo Serra (profissional de saúde), Tonicha (cantora) e Veronika Gerhard (professora) são as 17 mulheres identificadas na nossa análise. 14 destas mulheres são portuguesas e 3 são estrangeiras, sendo de realçar que entre as 14 portuguesas, há três sem referente geográfico ao distrito da Guarda (Arminda Alves Caetano da Silva Sanches, Maria Celmira Bauleth e Miquelina Limpo Serra).

A análise mostra que o ano de 1971 concentrou o maior número de peças noticiosas com protagonistas femininas. Ao todo foram escritas 910 linhas de texto noticioso. Quanto à presença em capa, apenas 8 figuram neste espaço do jornal.

Já no que diz respeito ao tom, a grande maioria (n=14) das notícias tem um tom positivo. Os dois casos identificados como tom misto (Lydia Ahlhoff e Lily Joens) são ambos sobre mulheres estrangeiras e as notícias abordam questões relacionadas com desigualdade de género, um discurso que aparece mediado pela distância geográfica.

Há apenas um exemplo de notícia com tom negativo, relativo à morte de Emília Motta e do marido, antigo diretor do jornal. Emília Motta é, aliás, a mulher com maior peso em termos de cobertura noticiosa. A notícia do seu falecimento no ano de 1970 ocupa 281 linhas e toda a primeira página do periódico. No entanto, é preciso realçar que Emília Motta morreu um dia depois do marido, José de Almeida Motta, e é ele que granjeia a maior parte da atenção editorial das 4 páginas dedicadas ao acontecimento.

A segunda personalidade feminina que ocupa mais espaço nas edições analisadas é Arminda Alves Caetano da Silva Sanches, cuja notícia da sua distinção com o grau de comendador, apesar de não ter qualquer imagem, ocupa 154 linhas e faz capa na edição de 30 de outubro de 1971. Neste caso, trata-se da irmã de Marcello Caetano (facto que não é mencionado no texto) e a notícia surge em plena Primavera Marcelista sem qualquer referente regional na sua ligação com Gouveia.

As notícias sobre Emília Motta e Arminda Sanches representam 48% do total de linhas do corpus. Excluindo estes dois casos, a média de linhas por notícia é de 27,5 linhas, o que revela que a grande maioria das notícias tem uma dimensão mais reduzida. Miquelina Limpo Serra, Maria do Céu e Maria Celmira Bauleth são as figuras que ocupam menor espaço, com 3, 5 e 9 linhas respetivamente.

Mais de metade (n=10) das notícias são acompanhadas por uma imagem, mas este facto não está diretamente relacionado com a extensão dos textos. A personalidade com menor destaque, Miquelina Limpo Serra, é objeto de uma notícia com 3 linhas e uma imagem (Figura 1). Por outro lado, a segunda mulher com mais destaque, Arminda Sanches, não tem qualquer imagem a acompanhar a notícia da sua distinção. Apesar das dificuldades gráficas próprias da época, não podemos deixar de realçar que a opção por uma imagem acontece no caso das três notícias internacionais (Lily Joen, Lydia Ahlhoff e Veronika Gerhard) e também das personalidades ligadas ao mundo do entretenimento, beleza e espetáculo (Corina, Tonicha, Luísa Maria Prata, Maria do Céu e Maria Celmira Bauleth).



Figura 1 - Notícias de Gouveia, 21 de agosto de 1971, p. 6

Conquistas profissionais, virtude do cuidado, beleza e entretenimento

A análise crítica do discurso, enquanto abordagem metodológica, permite examinar não apenas a presença de determinados sujeitos no espaço mediático, mas também os modos como são discursivamente construídos, nomeados e enquadrados (Fairclough, 1995; Van Dijk, 2008). Neste sentido, a análise das edições do *Notícias de Gouveia* entre 1970 e 1973 foi orientada para a identificação de padrões de visibilidade, estratégias discursivas e formas de representação associadas às protagonistas femininas, tendo em conta não só a sua presença explícita, mas também as formas de ausência e marginalidade discursiva.

Da análise emergem alguns padrões face à análise das notícias das 17 mulheres. Três destas notícias estão ancoradas em conquistas profissionais e académicas: Maria de Lurdes Correia Pinheiro (uma

licenciatura em Germânicas com 16 valores, em 1970), Ester da Cunha Barata (33 anos de magistério como diretora de um externato, em 1970) e Maria de Lurdes Mendes Abrantes Manta (uma licenciatura em Biologia com colocação científica imediata, em 1972). No entanto, existe sempre um enquadramento familiar, que é simultaneamente o referente de proximidade do jornal. Por exemplo, Maria de Lurdes Correia Pinheiro é identificada como “filha do nosso prezado amigo sr. José Augusto Abrantes Pinheiro” e as felicitações do jornal são dirigidas “a si e a seus pais”. Já Maria de Lurdes Mendes Abrantes Manta é apresentada como filha de um “comerciante de calçado no Lobito, Angola”, antes de ser nomeada pela sua realização própria. O título desta notícia “*Nova licenciada*” apaga o nome individual da protagonista, remetendo-a para uma categoria genérica antes de a singularizar. Assim, e ainda que o mérito destas três personalidades seja reconhecido e sublinhado nas notícias, não podemos deixar de notar o contexto de pertença familiar.

Outro dos padrões identificados, prende-se com a ideia de cuidado e virtude moral, presente nas notícias de personalidades como Emília Motta (1970), Arminda Alves Caetano da Silva Sanches (1971) e Emília Ferreira de Almeida (1973).

O percurso mais detalhado é o de Arminda Sanches, professora primária, escritora com obra publicada e circulação nacional, fundadora de múltiplas instituições de assistência social, condecorada com o grau de comendador da Ordem de Benemerência, irmã do chefe do Governo Marcello Caetano. A notícia que fala sobre a distinção concedida constrói-a como uma figura de virtude moral, adjetivando-a de “virtuosa Senhora” e “excelsa Senhora”, em maiúscula. A adjetivação é essencialmente visível na lógica da proteção e do cuidado e não tanto nas conquistas profissionais. Aliás, quando é mencionada a sua colaboração com a imprensa regional, pode ler-se que isso aconteceu “por interferência do saudoso amigo Dr. António Alçada”. Este padrão também é visível na notícia acerca de Emília Ferreira de Almeida, descrita através de virtudes afetivas (“animação”, “saudável alegria”, “dinamismo”, “mãe carinhosa”), sem identificar claramente as ações concretas a que é associada.

O terceiro padrão identificado está relacionado com as mulheres enquanto protagonistas de concursos de beleza e espetáculos de entretenimento. Aqui encaixámos as notícias sobre Luísa Maria Prata (1971), Maria Celmira Bauleth (1971), Corina (1971), Tonicha (1971) e Maria do Céu (1972). Os dois casos de notícias sobre concursos de beleza são aqueles em que é notória a descrição da mulher como objeto de contemplação. Luísa Maria Prata, eleita “Rainha Portugal-América”, é descrita na notícia de capa essencialmente pelo aspeto físico, “loura, de olhos azuis”. Maria Celmira Bauleth, “Miss Portugal 1971”, é identificada pelo título de beleza e pela origem geográfica, e a sua receção em Luanda é descrita em termos de espetáculo e de massa, colocando-a num papel de figura aclamada, mas passiva (Figura 2).



Figura 2 - Notícias de Gouveia, 3 de julho de 1971, p. 2

Quanto às cantoras, são identificadas pelo nome artístico, como aliás é comum no campo do espetáculo. Aqui devemos realçar o caso de Tonicha, uma das presenças confirmadas nas festas de Vila Nova de Tazem, que surge na capa, como destaque fotográfico. No entanto, na notícia que figura no interior, a fotografia escolhida é do artista masculino Hugo Maia Loureiro, como se a mulher funcionasse aqui

como elemento de promoção do evento, algo patente no próprio texto, onde se lê “penhor de sucesso e de atracção”. Neste eixo de beleza e entretenimento a imagem tem um peso significativo, o que parece enquadrar a ideia da presença feminina no jornal no domínio da visualidade.

O último eixo identificado na análise agrupa as mulheres que figuram em espaços de poder, competição e afirmação profissional em contextos não tradicionais à luz da época. Falamos de Maria da Conceição Candeias (1973), Miquelina Limpo Serra (1971), Maria de Lurdes Fernandes de Almeida (1973), Lydia Ahlhoff (1973) e Lily Joens (1973).

Nestes casos, existe uma representação do desempenho individual das mulheres: uma campeã nacional de atletismo, uma profissional de saúde condecorada, uma vice-presidente de um município, uma operária especializada e uma empresária. De realçar aqui o caso de Maria da Conceição Candeias, natural de Gouveia e vencedora dos Campeonatos Nacionais de Atletismo aos 17 anos, cuja conquista desportiva mereceu apenas uma notícia breve sem fotografia, contrariando a lógica da beleza das modelos e cantoras. Note-se ainda que o título menciona o nome da atleta e o feito conquistado. Por outro lado, a prova contou com a presença de quatro atletas femininas do concelho de Gouveia e esse facto é mencionado na notícia, mas as atletas não são identificadas, contrariamente à notícia sobre a Maria Luísa Prata, em que são enumeradas todas as concorrentes de Portugal, ilhas e colónias.

Também de salientar a notícia acerca de Miquelina Limpo Serra, tratada na notícia como “Sr.^a Dr.^a” e apresentada numa fotografia rodeada de figuras masculinas. O texto, de apenas 3 linhas, fala sobre o papel desta mulher na deteção do surto de febre amarela em Luanda. Não há indicação da sua profissão, nem da sua ligação a Gouveia (possivelmente inexistente). Pela forma de tratamento, depreende-se que seja médica ou cientista, mas não existe qualquer alusão à sua profissão.

Já o caso de Maria de Lurdes Fernandes de Almeida é singular face à sua dimensão histórica: foi a primeira mulher a ocupar a vice-presidência de uma câmara municipal em Portugal e é objeto de duas notícias. A primeira notícia (Figura 3) anuncia a sua tomada de posse em 8 linhas de tom neutro e título em género masculino – “Posse do Vice-presidente da Câmara” – enquanto o cargo do governador civil que presidirá à sessão aparece em maiúscula.

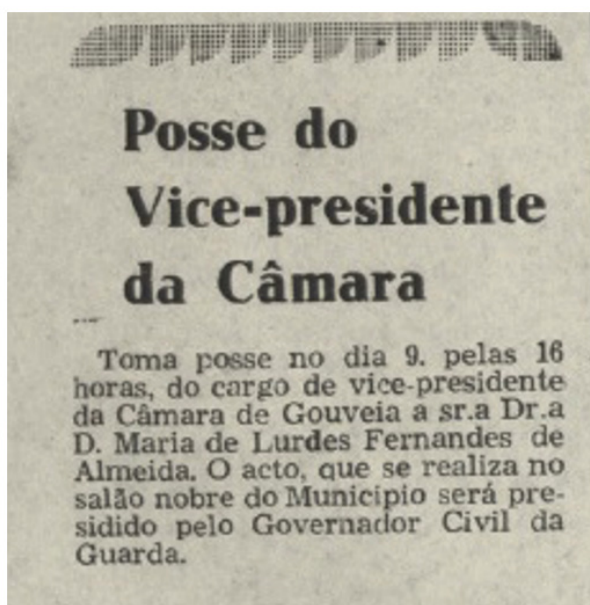


Figura 3 - Notícias de Gouveia, 2 de junho de 1973, p. 1

A segunda notícia ocupa a capa e reproduz o discurso da empossada, mas o título, “O Município Gouveense já tem vice-presidente” mantém o apagamento de género. No que diz respeito ao tom utilizado, de realçar as citações reproduzidas pelo jornal, respeitantes ao presidente da câmara, em funções em 1973, José Pires das Neves: “dirigindo-se à vice-presidente fez o seu elogio”. Contudo, o elogio não é citado, passando imediatamente o texto a reproduzir: “Ser-se magistrado concelhio é difícilimo”, recorrendo ao género masculino de “magistrado” e recordando as dificuldades de se assumir tal cargo.

Já as três notícias sobre protagonistas alemãs (Lydia Ahlhoff, Veronika Gerhard e Lily Joens) denotam um padrão mais específico e relevador, uma vez que englobam um discurso crítico acerca da desigualdade de género e da presença de mulheres em espaços de poder económico ou técnico. De realçar o distanciamento geográfico, que consubstancia um espaço seguro para abordar estas questões, muito mais sensíveis no contexto português do Estado Novo. Nestes casos, destacamos o exemplo de Lydia Ahlhoff (Figura 4), mulher que dirige guindastes na Krupp, em Essen, com cargas de 150 toneladas, na fase final de montagem de locomotivas e que é apresentada como uma “honrosa exceção”, uma expressão que a celebra ao mesmo tempo que reforça a norma contrariada pela profissional. Esta notícia cita a socióloga Helge Pross de Giessen, assistente de Max Horkheimer e de Theodor W. Adorno, em Frankfurt, na década de 1950. Afirmou a socióloga por ocasião desta “honrosa exceção”, assim descrito no breve artigo que, “as mulheres com formação precária e mal pagas ainda hoje têm profissões inferiores em relação à sociedade masculina”.



Figura 4 - Notícias de Gouveia, 13 de janeiro de 1973, p. 4

Lily Joens, empresária e presidente da Associação Federal de Mulheres Chefes de Empresa, é objeto de uma notícia em que o título “Elas também são ‘patrões’” denota a ideia de uma liderança normalmente masculina. Apesar da inexistência de adjetivos, é importante mencionar que o jornalista faz uma breve referência a Susan Yuen, diretora de uma empresa de Hong Kong, citando-a. “Existem donas de casa, porque não há também donos de casa?”, pergunta colocada no âmbito do XVI Congresso Internacional de Dirigentes, realizado em Munique. No entanto, a inserção deste tema é acompanhada por um comentário em tom jocoso que é deixado no ar e não é concretizado: “embora nos apetecesse fazer um saboroso comentário, reservamos esse prazer aos nossos leitores!”.

Configurações discursivas da visibilidade feminina na imprensa regional

No que respeita às peças noticiosas em que mulheres surgem como protagonistas, a análise evidencia a sua individualização e nomeação, contrariando parcialmente a tendência identificada por Gallego (2009) de representação das mulheres enquanto categoria coletiva. As protagonistas são identificadas pelas suas ações e contextos específicos, o que sugere que a sua presença no espaço noticioso ocorre sobretudo em situações de excecionalidade ou de rutura com expectativas normativas, como conclusões de estudos (licenciaturas), iniciativas de caridade ou eventos socialmente valorizados.

Ainda assim, a análise discursiva permite identificar estratégias subtis de desvalorização simbólica. Estas manifestam-se, por exemplo, na forma como as protagonistas são tituladas, na omissão ou secundarização de elementos identitários relevantes, ou em escolhas linguísticas que atenuam a centralidade da sua ação.

A análise das notícias sobre as 17 mulheres no jornal Notícias de Gouveia permitiu a identificação de mecanismos relacionados com o apagamento do género em casos em que a mulher é omitida ou neutralizada. É o caso de Maria de Lurdes Fernandes Almeida, referenciada no género masculino, ou das notícias sobre Maria de Lurdes Mendes Abrantes Manta e Ester da Cunha Barata tituladas como “Nova Licenciada” ou “Homenagens”, respetivamente.

A adjetivação utilizada, ainda que enquadrada pelo estilo jornalístico da época, revela a persistência de fórmulas estereotipadas, como “mãe carinhosa” ou referências a qualidades como “dedicação” e “paciência”, remetendo para atributos tradicionalmente associados ao feminino (Arús et al., 2000).

Outra das conclusões da nossa análise prende-se, aliás, com a inclusão da trajetória profissional na narrativa familiar. Esta estratégia é visível na cobertura da morte de Emília Motta, professora primária com 30 anos de carreira cuja trajetória profissional é mencionada de passagem e sempre subordinada à narrativa do casal.

Estes enquadramentos devem ser articulados com os constrangimentos do contexto político. O *Notícias de Gouveia* encontrava-se sujeito a mecanismos de censura prévios à sua circulação, passando pelo crivo da Comissão Distrital de Censura na Guarda.

Por fim, importa sublinhar que as dinâmicas identificadas resultam da interseção entre constrangimentos políticos, organizacionais e culturais. A visibilidade feminina no *Notícias de Gouveia* não pode ser compreendida isoladamente, devendo ser analisada à luz das características da imprensa regional, das limitações estruturais das redações e das relações de proximidade com as instituições locais. É neste cruzamento de fatores que se configura o lugar das mulheres no discurso jornalístico, um lugar simultaneamente raro, condicionado e discursivamente enquadrado por normas sociais que delimitam as possibilidades da sua representação.

Conclusões e limitações

A análise dos artigos noticiosos tendo como foco as mulheres protagonistas num jornal regional centenário português, em 1973, deve ser lida com consciência crítica das limitações estruturais e contextuais. A censura, a rigidez de géneros jornalísticos e a fragilidade dos obstáculos, como a limitação de recursos humanos e materiais, e a invisibilidade de mulheres na composição destas redações, exigirão abordagens metodológicas mais robustas e sensíveis à complexidade histórica. Ainda assim, ficam patentes os contextos de silêncio e ausências que dizem tanto quanto as presenças — e é nesse espaço que a investigação sobre género e imprensa pode e deve continuar a interrogar o passado.

A imprensa centenária - jornais que persistiram durante mais de cem anos - constitui um rico objeto de estudo para historiadores dos media, teóricos da cultura e estudiosos da comunicação. Estas publicações oferecem não só uma perspetiva longitudinal da prática jornalística, mas também uma janela única para o poder simbólico dos media na formação da memória pública, da identidade e do discurso. O estudo da imprensa centenária é escasso, mesmo em contexto internacional, havendo, todavia, alguns artigos que se debruçam sobre a representatividade das mulheres na imprensa do século XIX, inícios do século XX. A tendência de invisibilidade das mulheres nos jornais, enquanto foco das notícias, que se conclui no presente estudo, é também tendência encontrada na análise longitudinal de jornais russos, estónios e finlandeses entre 1905 e 2005 (Kõuts & Lõhmus 2014), ou seja, a presença de figuras femininas nos jornais analisados manteve-se, de forma geral, significativamente reduzida ao longo do período em estudo. Nos jornais russos, a percentagem de representações femininas permaneceu consistentemente abaixo dos 10%. No caso da imprensa finlandesa, a média situou-se em torno dos 5%, registando-se apenas um pico superior a 10% na década de 1990. Em contraste, os dados referentes à Estónia evidenciam uma tendência de crescimento mais clara: a proporção de mulheres retratadas nos media passou de menos de 10% até à década de 1970 para valores entre os 20% e os 25% a partir dos anos 2000. Ainda assim, em termos globais, a visibilidade feminina manteve-se restrita nos três contextos nacionais considerados (Vandenberghe, 2019).

Neste domínio, a representação das mulheres em jornais centenários surge como uma linha de investigação particularmente reveladora. Estes periódicos de longa data espelham frequentemente as hierarquias sociais dominantes, reforçando os papéis tradicionais de género e marginalizando a presença feminina nas narrativas públicas. As mulheres eram frequentemente retratadas em papéis passivos ou domésticos, associados à moralidade, à caridade ou à maternidade, ao mesmo tempo que eram excluídas das esferas de protagonismo político, intelectual ou profissional. Através de análises de conteúdo quantitativas e qualitativas, bem como de estudos de discurso e enquadramento, torna-se possível descobrir padrões de invisibilidade ou estereótipos e traçar a sua evolução ao longo do tempo.

Além disso, o ato de revisitar e reavaliar estas representações históricas tem uma função reparadora crítica. Permite aos estudiosos desafiar a noção de neutralidade jornalística, revelando as dimensões de género da produção e seleção de notícias, particularmente em contextos em que a imprensa centenária funcionou sob censura ou forte influência institucional. Tal como referem as teóricas feministas dos media, como Van Zoonen (1994) e Byerly e Ross (2006), investigar a forma como as mulheres foram enquadradas - como protagonistas ou como ausentes - torna-se uma forma de recuperar a sua visibilidade histórica.

Em última análise, os estudos sobre a imprensa centenária, quando cruzados com a análise de género, contribuem não só para a historiografia dos meios de comunicação social, mas também para uma compreensão mais ampla da forma como as sociedades recordam, representam e regulam os papéis de género e desafiam académicos/as a recontar a história do jornalismo. Porém, uma outra limitação é

importante ser assinalada. A ausência de géneros interpretativos ou opinativos, como editoriais, crónicas ou reportagens de investigação, tendo por foco mulheres protagonistas, impede-nos de obter outras leituras face a outros tipos de construção textual.

A identificação das limitações não invalida a importância do estudo, mas reforça a necessidade de leituras intertextuais, interdisciplinaridade e contextualização histórica. A escassez de protagonismo feminino nas páginas de um jornal entre os anos de 1970 e 1973 não é apenas um dado empírico, mas um reflexo da estrutura ideológica do regime e da imprensa local enquanto dispositivo de reprodução social, não esquecendo que “o espaço que um artigo ocupa representa a importância que os editores lhe atribuem” e “o tamanho dos artigos e dos títulos - exprimem a forma como um jornal deseja ser visto”, sendo por isso “materiais importantes na construção da identidade de um jornal” (Broersma, 2010, p. 24).

Considerando que tem tanto significado o que dizemos, como aquilo que não dizemos, esta análise das notícias no jornal centenário Notícias de Gouveia nos primeiros anos da década de 70 do século XX mostra-nos a relevância da ausência de mulheres na matéria informativa, ou seja, “a cultura masculina e hegemónica das redações entra nos conteúdos noticiosos através da seleção, do enquadramento e das fontes de informação, os quais disseminam a ideologia da superioridade masculina” (Byerly, 2004, p. 118).

Por outro lado, a presença das mulheres na esfera noticiosa do Notícias de Gouveia, apesar de escassa, é real e estruturada. Encontramos aqui protagonistas de domínios diversificados, do mundo académico ao desporto, passando pela política, beleza, espetáculo e ciência, o que, num jornal regional do interior na época do Estado Novo não é trivial. Ainda assim, não deixa de ser uma presença limitada, na medida em que é sistematicamente enquadrada por mecanismos do discurso que reproduzem, de forma mais ou menos consciente, a hierarquia de género dominante: o apagamento do género na linguagem, a mediação masculina do reconhecimento, a subsunção da trajetória profissional na narrativa familiar e conjugal, e a retórica da exceção que celebra ao mesmo tempo que normaliza.

A oportunidade de abordar a temática das personagens femininas no Notícias de Gouveia permitiu retirar múltiplas ilações, sendo que todas elas desembocam na pertinência de continuar futuramente este estudo noutros anos de um jornal que já tem 112 anos de vida. O padrão aqui encontrado é coerente com a investigação sobre representações mediáticas de género e mostra que a imprensa regional, mesmo quando reconhece ou destaca as mulheres, tende a fazê-lo dentro dos limites e do padrão do que o universo simbólico dominante considera próprio do feminino. O *Notícias de Gouveia* não é exceção a este padrão — e o seu corpus, precisamente pela sua modéstia e pela sua regularidade, constitui um documento privilegiado para o compreender.

O que nos parece preocupante é que, mais de 50 anos depois, esta aniquilação simbólica (Tuchman, 2012) da mulher nos media continua a ser uma realidade e os estudos nas múltiplas vertentes da representação das mulheres por parte dos meios de comunicação social demonstram isso mesmo, com um padrão de ausência, mesmo em casos em que os seus interesses são relevantes (Byerly, 2004). Karen Ross (2010, p. 87) diz que falamos de um “fenómeno global que tem perdurado ao longo do tempo e em todos os formatos de media”. O facto de um estudo, cujo corpus de análise remonta ao ano de 1973, representar uma invisibilidade que se mantém mais de cinco décadas depois, demonstra que o caminho percorrido é menor do que o caminho a percorrer.

Referências

- Arús, M. B., Rufias, E. A., Ayala, J. G., Calderón, M. P. & Mollet, M. P. (2000). *El sexo de la noticia: Reflexiones sobre el género en la información y recomendaciones de estilo*. Icaria.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo (Edições 70, 4.ª ed.)*. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, M., Ryan, M. K., & Schmitt, M. T. (Eds.). (2009). *The glass ceiling in the 21st century: Understanding barriers to gender equality*. DC: American Psychological Association.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2003). *A construção social da realidade (23.ª Edição)*. Editora Vozes.
- Broersma, M. (Ed.). (2010). *Form and Style in Journalism: European Newspapers and the Representation of News, 1880–2005*. Leuven: Peeters.
- Byerly, C. M. & Ross, K. (2006). *Women and Media: A Critical Introduction*. Malden, MA: Blackwell.
- Byerly, C. (2004). Feminist Interventions in Newsrooms. In K. Ross & C. Byerly (Eds.) *Women and Media. International Perspectives*. Blackwell Publishing.
- Bryman, A. (1988). *Quantity and quality in social research*. Routledge.
- Camponez, C. (2011). *Jornalismo de proximidade: Rituais de comunicação na imprensa regional*. MinervaCoimbra.
- Carona, L. (2023). *A feminização do jornalismo regional em contexto português: o caso dos jornais centenários* [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório Estudo Geral. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/114361>.
- Cádima, F. R. (1996). *Salazar, Caetano e a televisão portuguesa*. Editorial Presença.
- Catroga, F. (2010). O republicanismo em Portugal: Da formação ao 5 de outubro de 1910 (2.ª ed.). *Notícias*.
- Garcias do Coito, A. (2018). *História de um centenário: Notícias de Gouveia*. Gráfica de Gouveia.
- Cerqueira, C. (2008). A Imprensa e a Perspectiva de Género. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. *Observatorio (OBS*) Journal*, 5, 139-164.
- Cerqueira, C., Magalhães, S., Santos, A., Cabecinhas, R. e Nogueira, C. (2014). *De outro género: Propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo*. CECS-UMinho.
- Correia, J. C. (Org.). (2005). *Comunicação e política*. Livros LabCom.
- Correia, J. C. (2008). História do jornalismo em Portugal: o pós-25 de abril. In J. P. Sousa (Ed.), *Jornalismo: História, teoria e metodologia da pesquisa: Perspectivas luso-brasileiras* (pp. 118–129). Edições Universidade Fernando Pessoa. <https://doi.org/10.13140/2.1.2912.3848>.
- Costa, J. C. A. da. (2005). *Censura e liberdade de imprensa no Estado Novo*. Edições 70.
- Enloe, C. (1989). *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. University of California Press.
- Fairclough, N. (1995). *Media discourse*. Edward Arnold.
- Ferreira, P. (2005). *O lugar da imprensa local e regional nas políticas da comunicação*. In *Livro de Atas – 4.º Congresso da SOPCOM* (pp. 849–859). BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <https://www.arquivo.bocc.ubi.pt/pag/ferreira-paulo-lugar-imprensa-local-regional-politicas-comunicacao.pdf>.
- Gallego, J. (2009). Género e representação pública: Realidades e desejos. *Media & Jornalismo*, 15, 43-53.
- Gallagher, M. (2003). Feminist media perspectives. In A. Valdivia (Ed.), *A companion to media studies*, 19-39. Blackwell Publishing.
- Graça, S. M. (2007). *Os jornalistas portugueses: Dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais*. Edições MinervaCoimbra.

- International Women's Media Foundation. (2011). *Global report on the status of women in the news media*. International Women's Media Foundation. <https://www.iwmf.org>.
- Jerónimo, P., Ballesteros, C., Sá, S., & Morais, R. (2022). Jornalistas locais e condições laborais sob um olhar de género. *ex æquo*, 45, 157-175. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.11>.
- Kang, M. (2010). The construction of gender in news media: A critical discourse analysis of news coverage of women's health issues. *Feminist Media Studies*, 10(2), 215-231.
- Krippendorff, K. (2018). *Content analysis: An introduction to its methodology (3rd ed.)*. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Lima, H. (2022). O jornalismo de imprensa no Portugal democrático. DOI: 10.34619/gi8d-c84k.
- Lobo, P., & Cabecinhas, R. (2018). Retratos de género nas notícias televisivas: Uma análise das desigualdades por detrás da representação numérica. *Estudos em Comunicação*, 1(26), 81-99.
- Loden, M. (1985). *Feminine leadership: Or, how to succeed in business without being one of the boys*. Times Books.
- Macharia, S. (2021). *Who makes the news? Global Media Monitoring Project 2020*. WACC. <https://whomakesthenews.org/gmmp-2020-reports>.
- Mesquita, M. (1994). O Universo dos Media entre 1974 e 1986, in António Reis (org.), *Portugal – 20 anos de Democracia*. Círculo de Leitores.
- Miranda, J. (2014). Notas sobre o Papel e a Situação da Mulher no Processo de Profissionalização do Jornalismo Português e no Decurso da Desregulação Profissional. *Revista Media & Jornalismo*. 10.14195/978-989-26-2203-3_10.
- Miranda, J. (2017). Contributos para o estudo sobre a feminização do jornalismo português. *Media & Jornalismo*, [S.l.], v. 17, n. 30, p. 27-42, out. 2017. ISSN 2183-5462. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/4714>.
- Mota-Ribeiro, S., & Pinto Coelho, Z. (2005). Imagens de mulheres na imprensa portuguesa. In A. Fidalgo (Ed.), *Repensar os media: novos contextos da comunicação e da informação. Atas do 4.º Congresso da SOPCOM [CD-ROM]*. Universidade de Aveiro.
- Notícias de Gouveia. (Ed. 2019, 8 de fevereiro, p.13). Entrevista a António Manuel Prata Mónico. Disponível em: <https://www.noticiasdegouveia.pt/>.
- OberCom – Observatório da Comunicação. (2016, 27 de junho). *Anuário da Comunicação 2015–2016*. Disponível em: <https://www.obercom.pt/anuario-da-comunicacao-2016-2017/>.
- Rosas, F. (1998). *O Estado Novo (1926–1974)*. Editorial Estampa.
- Rosas, F. (2012). *Salazar e o poder: A arte de saber durar*. Tinta-da-China.
- Pinto, A. C. (2003). *O fim do Estado Novo e a transição para a democracia (1974–1976)*. Editorial Notícias.
- Ross, K. (2010) *Gendered Media. Women, Men and Identity Politics*. Rowman & Littlefield Publishers, inc.
- Santos, A., Cerqueira, C., & Cabecinhas, R. (2015). Entre a norma e a exceção: assimetrias de género nas newsmagazines portuguesas. *Comunicação E Sociedade*, 27, 437–455. DOI: [https://doi.org/10.17231/comsoc.27\(2015\).2111](https://doi.org/10.17231/comsoc.27(2015).2111).
- Silva, S. M. (2010). Mulheres e feminilidade em culturas ocupacionais de hegemonia masculina. In V. Ferreira (org). *A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal – Políticas e Circunstâncias*, 293-332. Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Sousa, J. P. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media (2ª ed., rev. e amp.)*. Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, J. P. (2008). Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. In J. P. Sousa (Ed.), *Jornalismo: História, teoria e metodologia: Perspetivas luso-brasileiras* (pp. 93–118). Edições Universidade Fernando Pessoa.

- Sousa, H. (2001). *Políticas da comunicação em Portugal*. Comunicação apresentada no Congresso Ibérico de Comunicação, Málaga.
- Subtil, F. (2000). As mulheres jornalistas. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*, 1-17. <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf>.
- Subtil, F. & Silveirinha, M.J. (2017). Caminhos da feminização da profissão de jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização. In Matos, J.N., Baptista, C. e Subtil, F., (orgs.). *A crise do jornalismo em Portugal*. Porto: Deriva. ISBN 978-989-8701-26-8, pp. 122-133.
- Tengarrinha, J. (1989). *História da imprensa periódica portuguesa* (2.^a ed., rev. e ampl.). Caminho.
- Tengarrinha, J. (2007). *Imprensa e opinião pública em Portugal* (caps. 3 e 12, pp. 35–70. Minerva.
- Traquina, N. (2005). *O jornalismo: Questões, teorias e “estórias”*. Vega.
- Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. New York: Free Press.
- Tuchman, G. (2012). The Symbolic annihilation of women by the mass media. In M. C. Kearney (Ed.), in *The Gender and Media Reader*, 41–58. Routledge.
- Tuchman, G. (2009). Media, género, nichos. *Revista Media & Jornalismo*, 15(8), 15-24.
- Vandenbergh, H. (2019). Representation of women in the news: Balancing between career and family life. *Media and Communication*, 7(1), 4–12. DOI: <https://doi.org/10.17645/mac.v7i1.1627>.
- Van Dijk, T. A. (2008). *Discourse and power*. Palgrave Macmillan.
- Van Zoonen, L. (1991). A Tyranny of Intimacy? Women, Femininity and Television. News. In P. Dahlgren and C. Sparks (eds). *Communication and Citizenship: Journalism and the Public Sphere in the New Media Age*. Routledge.
- Van Zoonen, L. (1994). *Feminist Media Studies*. SAGE.
- Vaquinhas, I. (2005). *As mulheres na imprensa regional. O caso de A Comarca de Arganil (1901-1980)*. A Comarca de Arganil.
- Ventura, I. (2012). *As Primeiras Mulheres Repórteres. Portugal nos Anos 60 e 70*. Tinta da China.